

# ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
PARINTINS - 2018

**Weberson Fernandes Grizoste**  
**(Org.)**

# Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>  
[latinitates.weebly.com](http://latinitates.weebly.com)  
[facebook.com/latinitates](https://facebook.com/latinitates)

Arte da capa: Thiago Godinho  
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Universidade do Estado do Amazonas  
Parintins – AM  
2018

a distinção entre o caminho do bem e o caminho do mal, o certo e o errado; mas neste horizonte a “Poética” não se vislumbra.

Conclui-se que a dimensão conflituosa e combativa do “agon” é efetivada na disputa da palavra, na cosmologia do universo e na contingência da vida humana. Daí os gregos se considerarem diferentes dos bárbaros, pois foram eleitos pelo “logos” e pelo “pathos”, fazendo do presente a busca pela “eudaimonia” que só pode ser proferida depois que se fecham as cortinas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes primárias

- C. A. Nunes (s/d). **Homero. Ilíada**. São Paulo: Edições Melhoramentos.  
E. Souza (1993). **Aristóteles. Poética**. São Paulo: Ed. Ars Poética.  
J. Torrano (1992). **Hesíodo. Teogonia – a origem dos deuses**. São Paulo: Biblioteca Pólen. Iluminuras.  
M. C. N. Lafer (1992). **Hesíodo. Os Trabalhos e os Dias**. São Paulo: Iluminuras.

### Fontes secundárias

- A. Lesky (1990). **A Tragédia Grega**. São Paulo: Perspectiva.  
D. Schuller (2004). **A Construção da Ilíada uma análise de sua elaboração**. Porto Alegre: L&PM 30 anos.  
L. Rohden (1997). **O poder da linguagem: a arte retórica em Aristóteles**. Porto Alegre: EDIPUCRS.  
P. Aubenque (2003). **A Prudência em Aristóteles**. Trad. Marisa Lopes. São Paulo: Discurso Editorial.



## UMA VIDA SEM AMIZADE NÃO MERECE SER VIVIDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PHILIA EM ARISTÓTELES

Luana Pantoja Medeiros [UEA]  
Alexsandro Melo Medeiros [UFAM]

**Resumo:** *O termo philia comporta em sua semântica grande complexidade, ora sendo traduzido por amor, de onde o sentido da palavra filosofia como amor à sabedoria, ora traduzido como amizade, de onde o sentido da palavra filósofo como um amigo da sabedoria. Nessa*

*comunicação, que adota como metodologia a pesquisa bibliográfica, pretende-se colocar em discussão os tipos de amizades abordadas por Aristóteles, com ênfase no conceito de amizade verdadeira (teleia philia) e a importância que a amizade tem para a vida humana.*

**Palavras-chave:** Amizade, philia, teleia philia.

## INTRODUÇÃO

Viver em tempos líquidos, para usar a expressão de Zygmunt Baumann, significa refletir na superficialidade das relações humanas, incluindo aí o tema da amizade. Uma sociedade cada vez mais tecnológica em que as amizades se expressam a partir do número de contatos existentes em uma rede social em que a maior parte dessas “amizades” são fluidas, supérfluas e algumas apenas aparentes, nos forçam a pensar em como se transformou as relações de amizade ao longo das eras.

Todavia, não pretende-se neste texto fazer uma abordagem histórica do conceito de amizade. Mas ressaltar a importância do tema para atualidade e pensar como essa questão na verdade sempre foi objeto de debates e análise desde a antiguidade clássica e que a superficialidade das relações humanas já fora objeto de questionamento por parte de eminentes filósofos como Cícero, Santo Agostinho e Aristóteles.

É a este último a quem iremos recorrer para nos debruçarmos sobre um tema tão antigo e ao mesmo tempo tão atual. O filósofo grego já havia questionado o fato de que nem todas as relações de amizade são verdadeiras e que algumas na verdade são movidas por interesse ou apenas pela satisfação que o outro pode proporcionar. Por sua vez só a *teleia philia* (verdadeira amizade) é considerada essencial e é a amizade dos homens bons, pois só os homens bons são aqueles que desejam o bem por si mesmo e a amizade em si mesma, sem colocar o interesse ou a satisfação acima da amizade.

Ao refletir sobre o tema da amizade o filósofo grego nos abre a possibilidade de pensar importantes questionamentos, desde o que seja ou não uma amizade verdadeira e até mesmo pensar no que seria uma vida sem amigos. Com base na filosofia aristotélica propõe-se, então, pensar a amizade como algo fundamental para a existência

humana, a ponto de considerar-se que *uma vida sem amizade não merece ser vivida*.

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE *PHILIA*

Para tratar do tema da amizade em Aristóteles é preciso fazer algumas considerações sobre o conceito de *philia*, de onde deriva o conceito de amizade. O termo tanto é traduzido por amor como por amizade: no primeiro caso temos o sentido da palavra filosofia entendida como amor à sabedoria; no segundo caso tem-se o sentido da palavra filósofo entendido como um *amigo da sabedoria*. O termo *philia* tem uma conotação semântica complexa, empregado para evidenciar um vínculo de união ou de relação entre as pessoas, seja de amor ou amizade<sup>1</sup>. Por isso a palavra filosofia (o radical *philos* derivado de *philia*) geralmente é traduzido por *amor à sabedoria* e o filósofo um *amigo da sabedoria*. A proximidade dos conceitos *amizade* e *filosofia* é tão profunda que esta inclui o *philos*, o amigo, no seu próprio conceito.

É na sua obra *Ética a Nicômaco* que Aristóteles dedica dois livros ao estudo da *philia*, da amizade (livro VIII e IX). Para o filósofo grego a *philia* está de alguma forma relacionada com a excelência moral ou virtude (*arete*). Aristóteles afirma “*seguidamente que a «philia» é uma «arete», uma «certa “arete”», ou se faz acompanhar por «arete»*” (PEREIRA, 2016, pg. 17). A *philia* como virtude é expressão de uma determinada atitude moral que se baseia em um sentimento recíproco em que cada um deseja o bem para o outro. Amigos virtuosos são

---

<sup>1</sup> Aprofundar a complexidade semântica do termo *philia* demandaria uma discussão mais detalhada e pormenorizada, o que não é o caso aqui. Basta lembrar, por exemplo, que os filósofos pré-socráticos “vincularam o sentido de *philia* ao de *physis* – natureza. A *philia* era apresentada como princípio explicativo do mundo físico, da realidade como *physis*. A amizade floresce entre todos os seres que se assemelham entre si, como afirmou Empédocles: *o semelhante busca ao semelhante* (EN VIII, 1, 1155 b 8); e por outro lado, Heráclito estabelecia que *de notas diferentes nasce a melodia mais bela* (EN VIII, 1 1155 b 6). A *philia* servia para expressar um movimento das coisas para um similar a elas mesmas, como também para estabelecer uma dialética dos contrários” (WARKEN, 2005, pg. 63-64).

amigos pelo que são em si mesmos e porque desejam o bem um do outro e não apenas o bem de si mesmo.

A amizade além de ser uma relação de afeição entre as pessoas objetivando um consequente bem é também um meio de alcançar a *eudaimonia* (felicidade). É por essa razão que podemos dizer que *uma vida sem amizade não merece ser vivida*, já que uma vida sem amizade, entenda-se a *teleia philia* (verdadeira amizade), não pode ser uma vida plenamente feliz. Por isso a amizade pode ser considerada uma necessidade primordial da vida humana, de tal modo que poderíamos dizer, em contraposição, que é infeliz o homem que não possui amizade. Pela amizade o homem se torna feliz e encontra um porto seguro para enfrentar as vicissitudes da vida, seja quando se é jovem ou quando se é velho, pois a cada faixa etária a *philia* ajuda as pessoas, seja a ter inclinação para a virtude quando se é jovem e evitar assim, o erro, seja para suprir as carências quando se está no fim da vida.

### OS TIPOS DE AMIZADE NA *ÉTICA A NICÔMACO*

Em geral, considera-se pelo menos três os tipos de *philia* na obra aristotélica (ARISTÓTELES, 1999; FLEITAS, 2016; ROSS, 1987; WOLF, 2013). Há a amizade que visa o bem e cujos amigos se procuram porque querem bem uns aos outros e essa é a verdadeira amizade (*teleia philia*), mas há amizades cuja finalidade é o interesse e a utilidade, e outras que são o prazer e aquilo que é agradável. Como pondera Feitosa (2013, pg. 121) “Na *Ética a Nicômaco* Aristóteles define a amizade de três modos: a primeira é justificada como a mais sublime, porque é o tipo de amizade que visa somente à bondade por si mesma, ou seja, busca o bem do amigo por amor ao amigo”. Já no que concerne a amizade motivada pelo interesse ou pelo prazer, os amigos se buscam um ao outro porque são úteis entre si e porque tiram dessa amizade algum tipo de utilidade ou os amigos se buscam porque há um prazer recíproco no convívio entre si.

Os dois tipos de *philia*, que existem em razão da utilidade ou do prazer, são consideradas acidentais. No momento em que o amigo perde o encanto proporcionado pelo prazer ou pela utilidade, a amizade acaba. Fleitas (2016, pg. 36) reforça a contingência da *philia* baseada na utilidade: “os que são amigos por causa da utilidade separam-se quando cessa a vantagem, porque não amam um ao outro, mas apenas o que pode

*ser vantajoso*”. Por sua vez a *philia* que se baseia no prazer é tão contingente quanto a que se baseia na utilidade e a continuidade da amizade que se baseia no prazer depende da permanência do objeto prazeroso ou de que haja prazer recíproco entre os amigos. A amizade que tem como base o prazer ou a utilidade tem em vista antes a si mesmo do que o outro. É a busca por um benefício pessoal onde “o amigo não é amado por ser o que é, mas pelo fato de proporcionar algum benefício ou prazer. Consequentemente, tais amizades são facilmente rompidas, devido à inconstância das próprias partes” (Arist. EN. 1156a). O outro, neste caso, representa apenas um meio para alcançar um determinado objetivo ou um objeto de satisfação.

Só a amizade verdadeira é considerada essencial e não accidental. É a amizade dos homens bons, pois só os homens bons são aqueles que desejam o bem por si mesmo. Todavia é preciso considerar que o fato de querer bem ao amigo em si mesmo não exclui o prazer e a utilidade que uma amizade pode proporcionar. A amizade verdadeira é, assim, enriquecida pela natureza dos dois outros tipos de amizade como afirma o próprio Aristóteles (Arist. EN. 1156b): “A amizade por prazer tem alguma semelhança com esta espécie, pois pessoas boas também são reciprocamente agradáveis. Acontece o mesmo em relação à amizade por interesse, pois as pessoas boas também são reciprocamente úteis”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo *philia*, de onde se origina o conceito de amizade, comporta em sua semântica grande complexidade, a qual não foi nossa intenção se debruçar neste resumo, mas conceituar a amizade a partir da teoria aristotélica e a partir de então discutir a superficialidade das relações de amizade que se baseiam no prazer ou no interesse, bem como considerar o que seria, para o filósofo grego, uma amizade verdadeira.

A ênfase dada à obra *Ética à Nicômaco* se justifica por ser neste livro que Aristóteles tratou do tema da amizade, especificamente nos livros VIII e IX.

Ao colocar em discussão os tipos de amizades abordadas por Aristóteles ressalta-se por um lado a fluidez das amizades baseadas no interesse ou no prazer que não estão distantes da nossa realidade, pois não é difícil encontrar indivíduos que não se preocupam em fazer ou

em cultivar amizades virtuosas, e que não é incomum encontrar pessoas que se dizem amigas apenas com o interesse no bem que o amigo pode lhes proporcionar ou encontrar pessoas que se mostram amigáveis e bondosas, porém, não são verdadeiras ou sinceras, cujo objetivo é apenas satisfazer o outro para receber um benefício desejado.

Por outro lado há indivíduos sim preocupados em cultivar amizades virtuosas e sinceras e é este tipo de amizade que é fundamental para a vida humana e em torno da qual se pode dizer que *uma vida sem amizade não merece ser vivida* e que ninguém deseja viver sem amigos, nem quando se é jovem ou quando se é velho, nem em momento algum.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Autor clássico

M. G. Kury (1999) **Aristóteles. Ética a Nicômaco**. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

### Autores modernos

Z. M. L. Feitosa (2013). A influência da amizade nas constituições políticas em Aristóteles. **Prometeus** 11, p. 119-128.

H. F. R. Fleitas (2016). **Felicidade e amizade na Ética nicomaquéia**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul (dissert. policop).

A. Pereira (2016). Da erótica passional ao amor oblatoivo: a amizade segundo Aristóteles, *Ética a Nicômaco*. **Synesis** 1, p. 15-34.

D. Ross (1987). **Aristóteles**. Trad. Luís F. Bragança Teixeira. Lisboa: Dom Quixote.

H. M. Warken (2005). **Significado Ético da Amizade na “Ética a Nicômaco”**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. (dissert. policop).

U. Wolf (2013). **A Ética a Nicômaco de Aristóteles**. São Paulo: Edições Loyola.